

TURISMO DE MASSA: UMA CONSTRUÇÃO DO CAPITALISTA

*Patrícia M. Castelo Branco¹
Leandro Henrique Magalhães²*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivos discutir a cultura de massa e traçar um panorama da constituição do turismo no século XX. Para tanto, iniciaremos o estudo, ainda, no século XVIII, e passaremos para o XIX, com a constituição do turismo de massa na Inglaterra; discutiremos momentos fundamentais, como a constituição do Estado de Bem Estar Social, a Guerra Fria e o Neoliberalismo, marcas do mundo contemporâneo. É de se crer que o turismo se desenvolve à medida em que o capitalismo se consolida, vivendo, no entanto, momentos de transformação graças às novas concepções que se inserem no mundo do trabalho, como o toyotismo e a flexibilização.

PALAVRAS-CHAVE: História do Turismo; Turismo de Massa; Mundo do Trabalho.

ABSTRACT

This essay aims at discussing mass culture and giving an overview of the development of tourism in the twentieth century. We will start our study in the eighteenth century and then move on to the nineteenth century and the development of mass tourism in England. We will discuss important moments, such as the constitution of the Welfare State, the Cold War and the Neo-liberalism, landmarks of the contemporary world. We believe that tourism develops at the same time as capitalism takes hold, going through changes thanks to the new concepts that are introduced into the labor world, such as toyotism and flexibility.

KEYWORDS: History of Tourism, Mass Tourism, Labor World

Afirmar que o turismo é uma atividade própria do mundo moderno, inaugurado com o processo de industrialização e internacionalização do capital promovido pelas revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX, não é novidade. Apesar dos deslocamentos humanos serem uma constante na história da humanidade, a motivação não é a mesma. John Urry, no seu livro *Olhares do Turismo*, apresenta a constituição do Turismo de Massa no século XIX, vinculado à formação da classe operária inglesa e aos progressivos ganhos sociais, como férias remuneradas e o direito de se viajar de trem (URRY, 1996). Acompanham, neste sentido, reflexões de historiadores como Eric Hobsbawn, que entende o lazer e o turismo, como importantes elementos para a constituição de uma identidade de classe, por parte do proletariado (HOBSBAWN, 2001, p.279-304).

1 Docente do Curso de Turismo da UniFil. Docente dos Cursos de Turismo e Jornalismo da FACCREI. Mestre em História Social pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP.

2 Docente dos Cursos de Turismo, Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Pedagogia e Psicologia da UniFil. Docente do Curso Normal Superior na Faculdade Norte Paranaense - UNINORTE. Coordenador de Publicações Científicas da UniFil. Diretor de Assuntos Educacionais do SINPRO. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Autor do livro "Olhares sobre a Colônia: Vieira e os Índios", publicado pela Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: leanmaga@bol.com.br.

Geraldo Castelli, em seu livro “Turismo: Atividade Marcante”, segue um caminho semelhante, ao afirmar que:

A viagem turística atual é uma decorrência da sociedade industrial que provocou uma concentração de pessoas em cidades, de tal sorte que a fuga deste meio ambiente tornou-se até mesmo uma questão de sobrevivência. A viagem turística passou a ser para o homem urbano atual um produto de primeira necessidade. O berço do turismo está nas estruturas urbanas industriais criadas na Europa Ocidental e na América do Norte a partir de 1840 (CASTELLI, 2000, p.16).

Marc Boyer, por sua vez, afirma que:

A história do turismo é inteligível somente no longo prazo e em uma perspectiva sociocultural (...). A história apresenta-se como um pêndulo. Dê um lado, a civilização tradicional em que o turismo não existe e, de outro lado, a sociedade pós-industrial que é qualificada, certas vezes, de ‘civilização do lazer’; entre as duas, houve um ponto baixo por volta de 1840, quando a duração do trabalho foi máxima, chegando a sessenta horas semanais e até mesmo além disso; mas ao mesmo tempo os tipos ociosos eram, freqüentemente, e os turistas (BOYER, 2003, p.96).

O contexto histórico apontado por Castelli e Marc Boyer, a segunda metade do século XIX, coincide com o momento apontado por Eric Hobsbawn como sendo o de consolidação da Revolução Industrial, quando a indústria siderúrgica ganha espaço e importância graças, principalmente, ao advento do transporte ferroviário (HOBSBAWN, 2000). Os meios de transporte aparecem, em conjunto com os de comunicação, como elemento fundamental, não apenas para o advento do turismo moderno, mas, principalmente, para consolidar o processo de internacionalização do capital, a partir de um ideal de civilização pautado nos preceitos burgueses de Estado, democracia e liberalismo, elementos apontados por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista, de 1848:

Com o rápido aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção, com as comunicações imensamente facilitadas, a burguesia arrasta para a civilização todas as nações, até mesmo as mais bárbaras. Os baixos preços de suas mercadorias são a artilharia pesada com que derruba todas as muralhas chinesas, com que força à capitulação o mais obstinado ódio dos bárbaros aos estrangeiros. Obriga todas as nações, sob pena de extinção, a adotarem o modo de produção da burguesia; obriga-as a ingressarem no que ela chama de civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Numa palavra, cria um mundo à sua imagem e semelhança (ENGELS; MARX, 2000, p.70).

Desta forma a cultura de massa insere-se nos mais diversos âmbitos da sociedade, como a arte, o lazer, a educação e o turismo, sendo favorecida pelos meios de comunicação que, assim como a escola, apresentam-se como Instrumentos Ideológicos do Estado, com a indústria cultural adquirindo o papel de sustentar o capitalismo internacional, em especial devido à bipolarização do mundo e da Guerra Fria, marcada pelos conflitos entre os Estados Unidos da América - EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS. No ocidente, a Cultura de Massa adquire o papel de vangloriar os ganhos proporcionados pelo capitalismo, além de garantir uma defesa dos ideais burgueses de democracia, cidadania e liberdade.

Para a compreensão dessa nova ideologia que vigora no século XXI temos que retroceder até a constituição do paradigma moderno de civilização. Iniciada no século XVIII com a Revolução Francesa e o Iluminismo, consolida-se com o imperialismo do século XIX, ultrapassando o aspecto religioso, que marca o pro-

cesso de expansão ultramarina, substituído pela razão e pela sociedade capitalista que então se impunha. O conhecimento do outro se torna uma realidade científica, e não mais religiosa, de conversão, como queriam, por exemplo, os padres jesuítas dos séculos anteriores. Conhecer o outro continuou sendo uma estratégia de dominação, porém moldada em novos preceitos, agora antropológicos. O “diferente” passa a ser o exótico, integrando-se ao turismo, que passa a procurar o “diferente” não para interagir, conhecer ou respeitar, mas para diferenciar, enfocando a superioridade da civilização.

Tais aspectos aparecem na literatura do período. No livro “Os Maias”, de Eça de Queiroz um dos personagens principais, João da Ega, comenta que o grande erro da civilização era querer expandir-se para todo o mundo, homogeneizando-o, eliminando o exótico, elemento de atração turística. O personagem apresenta uma das contradições do mundo moderno então em construção, pois ao mesmo tempo em que chama atenção para o processo de europeização por qual passava o “diferente”, entende-o como inferior, e assim, tido como objeto de apreciação pelo seu exotismo.

Mas Ega, que estivera um pouco silencioso, entalando de vez em quando o monóculo no olho e sorrindo para a baronesa, pronunciou-se alegremente contra todas essas explorações da África, e essas longas missões geográficas... Porque não se deixaria o preto sossegado, na calma posse dos seus manipansos? Que mal fazia à ordem das coisas que houvessem selvagens? Pelo contrário, davam ao Universo uma deliciosa quantidade de pitoresco! Com a mania francesa e burguesa de reduzir todas as regiões e todas as raças ao mesmo tipo de civilização, o mundo ia tornar-se de uma monotonia abominável. Dentro em breve um turista faria enormes sacrifícios, despesas sem fim, para ir a Tombuctu – para quê? Para encontrar lá pretos de chapéu alto, a ler o Jornal dos Debates (QUEIROZ, 2000, p.381).

Outro autor que trata de tais questões é Jonathan Wift, que publica *Viagens de Gúliwer* no ano de 1726. Aqui nos é apresentado um mundo mágico, ainda desconhecido do homem moderno, permeado por gigantes, anões e até mesmo cavalos falantes. É-nos chamada a atenção para a diversidade cultural e social que neste momento vinha à tona com a constituição de colônias nos demais continentes. Por outro lado, destacando-se a superioridade européia, suas leis, sua organização política, econômica e judicial, comparando-as com as dos locais visitados. A ordem burguesa européia, pautada em uma visão expansionista, e na idéia de padronização cultural, não compreendia os costumes dessas outras culturas. Um exemplo, quando do retorno de suas viagens, Gúliwer afirma sua impossibilidade de mentir, qualidade aprendida com os povos visitados:

Fiz-lhe um brevíssimo relato de minha viagem, da conspiração dos meus próprios homens, da região em que me haviam deixado e dos anos que eu lá residira. Tudo isso lhe pareceu a ele um sonho, ou uma visão, com o que me senti sobremodo ofendido, pois eu me esquecera inteiramente da faculdade de mentir, tão peculiar aos Yahoos (homens) em todos os países em que residem, e, por consequência, da disposição de desconfiar da verdade em outros de sua espécie (SWIFT, 1983, p.262).

A modernidade e o modelo de civilização que com ela se impõe tem em seu bojo uma nova concepção de tempo, marcada pela importância crescente do relógio e pela distinção entre tempo do trabalho e tempo livre. É daí que surge, por exemplo, o conceito moderno de infância, período que antecede ao trabalho, destinado ao brincar e ao lazer, características que deveriam ser abandonadas quando adultos (ARIÈS, 1981). Na vida adulta, uma outra distinção é colocada:

entre o período destinado às atividades profissionais e o do ócio, não sendo possível existir a confusão entre eles. O enfoque maior, no entanto, é dado ao trabalho, elemento que motivara Paul Lafargue a escrever o livro “Direito à Preguiça”, chamando atenção para as mazelas sociais proporcionadas pelo mundo moderno e a necessidade do ócio:

Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que, há dois séculos, torturam a triste humanidade. Esta loucura consiste no amor ao trabalho, na paixão moribunda pelo trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua prole (LAFARGUE, 2000, p.13).

A concepção de civilização em oposição ao selvagem, ao inferior, aparece ainda em livro do século XX intitulado “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley, que nos apresenta uma sociedade pós-guerra em que a civilização se impunha: extremamente hierarquizada e industrializada, com os humanos “nascendo” de máquinas e ocupando lugares específicos de acordo com a sua casta. O trabalho é entendido como necessário para que, nos momentos de ócio, o prazer esteja garantido em forma de festas, poligamia e drogas, elementos norteadores para os que ali viviam, garantias de controle sobre os indivíduos. No entanto, havia um grupo de pessoas que viviam fora da civilização: os selvagens, tidos como seres exóticos e inferiores, motivo de admiração e repugnância para os que visitavam suas tribos:

Mas como podem viver assim! - Exclamou numa voz de incredulidade indignada. (Não era possível.)

Bernard encolheu os ombros filosoficamente - Seja como for - disse - vivem assim há cinco ou seis mil anos. Assim sendo, suponho que já devem estar habituados.

- Mas a limpeza é vizinha da ‘fordileza’ - ela insistiu.

- Sim, e civilização é esterilização - prosseguiu Bernard, concluindo em tom de ironia a segunda lição hipnopédica de higiene elementar - Mas essas pessoas nunca ouviram falar de Nosso Ford, e não são civilizadas (HUXLEY, 1980, p.139-140).

O controle do tempo torna-se fundamental para a reprodução do capitalismo, o que levou ao seu estudo, chegando ao ápice na constituição do sistema fordista de produção, pautado em um processo de alienação que distancia cada vez mais o trabalhador do resultado do seu trabalho, além distinguir a atividade intelectual, de planejamento, da braçal, de execução. É a linha de montagem, aliada à esteira, que vai possibilitar que este ideal tenha sucesso.

Tal modelo influencia a constituição do mundo moderno no século XX, levando a uma fragmentação da sociedade em todos os seus âmbitos: sociais, culturais, educacionais, econômicos e políticos, atingindo também o turismo. Neste caso, o turista sofre, assim como o trabalhador fabril, o processo de alienação resultante desta prática, pois não constrói, não conhece a realidade em que está se inserindo, aceitando pacotes fechados, pensado por outros para satisfazer suas necessidades. Não há o estranhamento, fundamental para construção do conhecimento, mas sim a continuidade do desconhecimento em relação ao outro, ao diferente.

Com as conquistas trabalhistas dos séculos XIX e, em especial, do século XX, a atividade turística é intensificada, possibilitando o surgimento do chamado turismo de massa. É importante salientar que este tipo de atividade só é possível à medida em que os trabalhadores têm acesso aos seus direitos, como é o caso apontado por John Urry, ao tratar da ascensão do balneário inglês no século XIX, e de Marc Boyer, ao demonstrar o surgimento do turismo de massa na França,

que só ocorre a partir de 1936, quando há ganhos sociais advindos do movimento operário, principalmente o direito a férias remuneradas e a folgas, elementos conquistados pelos trabalhadores, sendo o grande motivador do turismo de massa.

É importante constatar que, na Europa, o momento de ganhos trabalhistas coincide com o pós-guerra, quando o Estado de Bem Estar Social implanta-se na Europa, tendo por base a garantia de condições mínimas de sobrevivência para os trabalhadores, favorecendo uma estabilidade que impulsiona o turismo, não só na França, mas em todo o continente. Este período também ficou conhecido como Anos Dourados, devido à excepcional melhoria das condições de vida no mundo capitalista desenvolvido (HOBBSBAWN, 1996, p.253-281), com um número cada vez maior de pessoas tendo acesso a produtos industrializados e, devido às férias remuneradas, às viagens de turismo. Além disso, surgem novas necessidades que transformam a vida cotidiana, como o rádio, a geladeira, produtos sintéticos, novas calculadoras e relógios, dentre outros. A pesquisa torna-se fundamental para a consolidação das diferenças entre países ricos e pobres, e a substituição do velho pelo novo torna-se fundamental, consolidando a sociedade de consumo. O Estado de Bem Estar Social representou, para os países desenvolvidos, o fim do desemprego de massa e da pobreza, graças a um Estado previdenciário universal e generoso.

Outro elemento que impulsiona o turismo é a chamada Cultura de Massa. A Cultura de Massa, segundo Ecléa BOSI (1986), deve ser entendida como parte do processo de expropriação do saber, proporcionada pela industrialização, levando a uma distinção entre aquele que sabe, planeja e orienta e aquele que executa. Com o processo de industrialização, a distinção entre cultura popular e erudita ganha nova conotação: a erudita, ou burguesa, é tida como racional e progressista, enquanto que a popular é aquela que vive miticamente a tradição. Com isso, as manifestações culturais que faziam parte do cotidiano passam a ser entendidas como inferiores, devendo ser eliminadas, possibilitando o surgimento do receptor de culturas, e depois, do consumidor. São os primeiros momentos da cultura de massa, favorecendo o surgimento de expressões culturais produzidas por profissionais, como o circo e o teatro popular.

A Cultura de Massa é favorecida também pela necessidade de separar o trabalho do ócio, estabelecendo os momentos de produção dos de consumo e lazer. O lazer passa a ser entendido como o não trabalho, espaço de fuga, sendo interpretado como o tempo liberado das atividades profissionais, como oposição ao trabalho capitalista (DUMAZEDIER, 2004, p.53-63). A cultura de massa está, assim, associada às novas perspectivas que, estabelecidas em relação ao lazer, configuram-se como uma manifestação distanciada, pois, na cultura popular pré-capitalista, a produção e o consumo são imediatos, fazem parte do cotidiano do trabalhador. Já, quando tratamos da cultura de massa, temos uma profissionalização das manifestações, com a distinção entre quem produz, o artista, e quem consome, elemento só possível de ser entendido na sociedade capitalista.

Neste sentido, a Cultura de Massa pressupõe passividade e homogeneização, pois é imposta pela indústria cultural, voltada para o consumo. A massa anônima, jovem, se apega à sua suposta liberdade de consumo; afinal, como o cidadão trabalhador teria esse direito? Contudo, a cultura de massa limita essa liberdade, que é intensificada pelo poder aquisitivo. O século XX proporciona as essas sociedades (até mesmo de países menos desenvolvidos) o conhecimento e a visibilidade de aspectos culturais. Assim mesmo a limitação social é evidente, apesar da alardeada liberdade, democracia e cidadania difundidas por essa indústria cultural; de forma compensatória, ocorre a banalização: “ O que na indústria cultural se apresenta como um progresso, é a troca de vestimenta do sempre igual; a variedade cobre um esqueleto que conhece tão poucas mudanças quanto a própria motivação do lucro; agora tudo é lucro.” (BOSI, 1986, p.81).

A cultura de massa irá se solidificar na década de 80, que vai ser marcada pela crise do socialismo soviético, que entra em colapso devido, principalmente: à necessidade da URSS competir no capitalismo internacional; à perda de competitividade dos soviéticos a partir da década de 60, devido à revolução tecnológica pela qual passava o ocidente; ao fato de que os países dependentes dos EUA se desenvolveram economicamente, enquanto que os aliados da URSS necessitavam do envio constante de recursos, por se tratarem de países pobres; à propaganda capitalista, que incentivava a oposição entre o mundo livre X o totalitário, sem admitir uma ponte para ligar os abismos. O fim da Guerra Fria pôs fim também à sustentabilidade da estrutura internacional, tendo como resultado um mundo em desordem e em iminente colapso, gerando a possibilidade de constituição de uma nova ordem (HOBSBAWN, 1996, p.223-252). A queda do Muro de Berlim marca o fim da Guerra Fria e, conseqüentemente, do Estado de Bem Estar Social, que sofrerá sérios embargos promovidos pelo presidente dos Estados Unidos da América, Ronald Reagan, e pela primeira ministra britânica, Margareth Thatcher.

São retomados, a partir daí, os ideais liberais de liberdade de circulação de capital e de minimização do Estado. É o neoliberalismo e a globalização, gestados na década de setenta, e que ganham supremacia nas décadas de oitenta e, em especial, na de noventa, com o “Consenso de Washington”, que lega ao mundo um único modelo possível de desenvolvimento e uma única liderança mundial.

A década de oitenta conheceu, além das transformações econômicas e políticas, um período de salto tecnológico, com a robótica, a automação e a microeletrônica (ANTUNES, 2000). Estes elementos, aliados à necessidade de novas formas de controle do trabalho que se adequassem à constituição do mundo pós-moderno, ainda em constituição, levaram ao repensar do “fordismo”, do cronômetro e da produção em série, favorecendo o estabelecimento de novos padrões de produtividade, denominados por Ricardo Antunes de “especialização flexível”, que tem como principais características (ANTUNES, 2000): a desconcentração industrial e o controle de qualidade e qualidade total e a gestão participativa. É um novo modelo que se impõe, denominado de toyotismo, que tem como resultado a desregulamentação e a flexibilização das leis trabalhistas, com os direitos sendo substituídos pela participação, pelo envolvimento manipulatório, ganhando espaço então, discursos como empreendedorismo, cooperativismo e terceirização; além da vitória de uma cultura self-service que colabora para a desregulamentação do trabalho.

Ainda segundo Ricardo ANTUNES (2000), temos que a flexibilidade não exclui a exploração do trabalho e da mais valia, mas a intensifica, devido ao aumento da carga horária de trabalho nas pequenas e médias empresas, geralmente familiares, e que servem de base para a terceirização, o aumento do trabalho informal e a chamada precarização do trabalho, ou seja, o aumento de indivíduos sem serem atendidas pelas leis trabalhistas, ficando excluídos de direitos como férias, décimo terceiro salário ou fundo de garantia. A conseqüência para o mundo do trabalho seria: a intensificação da exploração do trabalhador, que deve ser flexível e atuar em várias direções, além de estar disponível de acordo com as necessidades do mercado; a existência de um número mínimo de operários, que pode ser ampliado de acordo com as necessidades; o aumento da carga horária de trabalho; e a desarticulação do sindicalismo. Daí entendermos o discurso em torno do fim do trabalho. Na verdade, o que temos não é o fim do trabalho em si, mas de um tipo de trabalho, o assalariado.

Tal fato afeta diretamente o turismo. Se partirmos do princípio de que o turismo surge com a revolução industrial sendo, em parte, conquista do trabalhador e elemento de constituição de uma identidade operária e se, por outro lado, entendermos que o turismo expande à medida em que as conquistas tra-

balhistas também se expandem, podemos afirmar que vivemos, hoje, uma crise do turismo, ou de um turismo específico: o de lazer, ou o turismo de massa. Atualmente, devido ao processo de flexibilização, a distinção entre tempo de trabalho e de ócio vem deixando de ser a marca do capitalismo. Cada vez mais se confunde o trabalho com o lazer, fazendo com que o turismo também se transforme, abrindo espaços para atividades como o turismo de negócios e o de eventos. Com a diminuição dos direitos trabalhistas e o aumento do tempo de trabalho sendo uma característica dos grupos populares, resta ao turismo investir nas classes média e alta, que ainda escapam do processo de precarização do trabalho e podem, desta forma, sustentar a prática do turismo no início do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* São Paulo/Campinas: Cortez/UNICAMP, 2000.
- ARIËS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Bauru-SP:EDUSC, 2003.
- CASTELLI, Geraldo. *Turismo: atividade marcante*. Caxias do Sul (RS): EDUCS, 2001.
- DUMAZEDIER, Jofre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOBBSBAWN, Eric. A origem da Revolução Industrial. In: *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- HOBBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOBBSBAWN, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC/ Nobel, 1996